

## **"Nós, que sempre estaremos à espera"**

Por Ricco Garcia, 2017

Nós, que sempre estaremos à espera

Saio de casa apenas com uma imagem na cabeça, o convite: um banco vazio, sob as palavras "eu, que estou à espera". Nem imagino que a partir daí o trabalho já começou, porque estive à espera de companhia pra chegar em Botafogo, ele disse que não ia. Começou na expectativa de não saber quem estará à minha espera, no que iremos fazer, no que vou ouvir e falar.

Chego à Casamata e a lógica do trabalho se inverte. Não há ninguém à minha espera. Uma sala em branco, onde encontro apenas o título do trabalho na parede e uma lista de espera. Aparece Mariana, coloca meu nome na lista. Digo que estarei aguardando na porta da Comuna. Começo a lidar com a ansiedade da espera. Não olho o relógio, mas pela minha noção de tempo, da qual não consigo me afastar, sei que após quinze minutos Isis me chama, ou me convoca, essa palavra descreve melhor, recebo um bilhete. Há mais lacunas, linhas em branco do que texto. Então, acredito que a "performance" irá preencher as lacunas desse manuscrito.

Encontro Zé Azul, com suas botas azuis, apoiado em um poste. Já li seu bilhete, não sei como responder à pergunta e agora estou mais perdido. Zé Azul, botas azuis, olhos azuis, um homem lindo. É tudo que sei até agora. Estou instável, triste, poderia dizer. Espero apenas que Zé me tire dali, espero não ouvir o burburinho do lugar, um monte de gente bebendo cerveja, alheias ao desafio que tenho em mãos, ao espanto de receber um bilhete para um encontro com um desconhecido.

Zé me oferece um abraço que hesito em aceitar. Ele não faz a pergunta do bilhete, talvez porque não espera que eu responda. Então dispara: por que você veio até aqui? Eu respondo, agora sem nenhuma hesitação: porque quero saber a razão de sempre estar à espera, de alguém, de um acontecimento, de um resultado, do amor, mais que tudo, do amor.

Depois de algum silêncio que me pareceu uma eternidade, Zé pergunta se eu quero ficar ali ou ir para outro lugar. Quero caminhar, caminhar é a única maneira de enfrentar o que vem pela frente. Então falamos sobre o amor. Sobre a existência, ser artista no mundo. A prática - porque devo discordar que seja uma performance - torna-se metalinguagem, falamos sobre a espera e o próprio encontro, falamos da razão de caminhar pelas ruas do bairro, falo sobre o trabalho de Anna. Tento não condensar nada, mania que tenho de fazer sínteses. Como também não é meu intuito com esse texto, não quero sintetizar nada. Falo, deixo lacunas para que Zé possa preencher. É sobre a minha vida. Entre reflexões sobre arte, existência, desejo, falo sobre minha história com o amor. Fico mais uma vez espantado quando entendo que tudo está permeado por essa palavra. Falamos também sobre a sentença da palavra escrita. Sobre a hipermemória. Falo do meu trabalho como artista. Deixo as lacunas, Zé concorda comigo e fala da própria vida, de seu próprio fazer artístico, da sua história com o amor.

Então Zé começa colocar algumas de minhas convicções em cheque. Era o que eu esperava mas também temia. Agora estou exposto. Abri o núcleo, deixei que meu corpo sensível saltasse de toda a razão que tento manter como modo de sobrevivência. Estou aberto diante de um desconhecido que, enquanto caminho, tento olhar nos olhos. Olhar nos olhos talvez seja ainda mais perigoso, evito. Até que sentamos em uma escada em frente a um prédio que parece estar abandonado. Moradores de rua se aproximam, não chegam a intervir mas nos interrompem, precisamos escutar o que dizem. E passa um homem veloz em sua bicicleta cantando uma música, só conseguimos discernir a nota mais aguda, amor. Sorrimos e ficamos em silêncio. Um morador de rua põe fogo em um emaranhado de fios, a poucos passos de nós. Ali permanecemos mudos, vendo as labaredas crescerem, o encontro vai chegando ao fim.

Voltamos para a porta da Comuna. Mais um abraço, agradeço a Zé por tudo que aquilo reverbera para mim como sujeito. Parabenizo-lhe pela coragem de estar à espera do desconhecido por seis dias ao longo de seis horas, digo que não teria essa coragem. Ele discorda, você teve essa coragem, você esteve disposto. Aparece uma amiga e diz que adoraria ter participado e pede que me apresente o artista. Então Zé diz que ali ele é uma pessoa, que eu também sou uma pessoa. Somos sujeitos desse encontro, concluo. Zé não é o performer e eu não sou o espectador. Com isso se encerra nosso encontro, que durou quase três horas. As palavras de Zé deflagram e confirmam minhas hipóteses sobre as práticas artísticas de Anna, sobre as quais eu já tinha falado ao longo da caminhada.

Quando falamos dessa arte pós-histórica, que ainda não tem nome, que está no esforço de entrar no século XXI, as práticas artísticas de Anna avançam com perspicácia e se manifestam como sujeitos desse esforço. Suprimiram o objeto (problema já elaborado pelas últimas vanguardas), disso não há dúvida. Mas há características que vão além: desestabilizam por completo a diferença entre artista e espectador. Colocam a noção de espaço-tempo em um lugar desconhecido, ou mesmo impossível de ser compreendido no sentido racional da palavra escrita, eu diria. O que resta então no trabalho de Anna? As relações de afeto, a busca de trazer à tona nosso corpo sensível. As práticas artísticas retornam para o outro a pergunta sobre como é estar no mundo, como é ser artista naquele instante onde o artista já entregou pra você esse papel. Ainda poderia fazer muitas observações sobre o trabalho de Anna, mas por desejar que muitas pessoas ainda possam ser sujeitos de suas práticas e, inevitavelmente, refletir sobre elas, encerro aqui minha escrita.

Agradeço imensamente ao Zé e à Anna por tudo, parabenizo os demais sujeitos propositores da prática pela entrega. Desejo que sempre estejamos à espera de que encontros potentes como esse aconteçam, desejo que provoquemos esses encontros, única razão de nossa existência no mundo.